MEMÓRIAS DE MARTHA

PANDA BOOKS

PANDA BOOKS

MEMÓRIAS DE MARTHA

júlia lopes de almeida

textos informativos: fátima mesquita

PANDA BOOKS

PANDA BOOKS

© Panda Books

Direção editorial
Marcelo Duarte
Patth Pachas

Gerente editorial
Vanessa Sayuri Sawada

Assistentes editoriais
Henrique Torres
Laís Cerullo

Assistente de arte
Samantha Culceag

Projeto gráfico e capa
Casa Rex

Diagramação e pesquisa iconográfica
Daniel Argento

Notas
Fátima Mesquita

Estabelecimento de texto
Ronald Polito

Edição de notas
Mayara Freitas

Revisão
Mayara Freitas
Clarisse Lyra
Ronald Polito

Fotos
P. 65: © Gift of Joan Erental Herzfeld/Metropolitan Museum of Art/CC0; p. 71: © T. Fall/Robert Leighton/Boston Public Library/ Internet Archive/domínio público.

Impressão
Corprint

Este livro foi estabelecido com base na segunda edição, de 1930, publicada pela Livraria Francesa e Estrangeira Truchy-Leroy, Paris, França.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A448m
Almeida, Júlia Lopes de, 1862-1934
Memórias de Martha / Júlia Lopes de Almeida; textos informativos Fátima Mesquita. – 1. ed. – São Paulo: Panda Books, 2025.

ISBN 978-65-5697-445-3

1. Ficção brasileira. I. Mesquita, Fátima. II. Título.

25-99802.0

CDD: B869.3
CDU: 82-3(81)

Bibliotecária: Carla Rosa Martins Gonçalves – CRB-7/4782

PANDA BOOKS

2025
Todos os direitos reservados à Panda Books.
Um selo da Editora Original Ltda.
Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41
05413-010 – São Paulo – SP
Tel./Fax: (11) 3088-8444
edoriginal@pandabooks.com.br
www.pandabooks.com.br
Visite nosso Instagram e TikTok.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

O QUE É UM CLÁSSICO?

Não sei você, mas pra mim "clássico" mesmo é jogo de futebol, tipo Fla X Flu, Coringão X Porco, Brasil X Argentina. Só que, na escola, os professores de português e de literatura cismavam em dizer que "clássico" eram os livros chatos que eles queriam porque queriam que a turma toda lesse. Ah, e não bastava empurrar pra cima da gente livro velho de fala complicada que a gente mal entendia. Além disso, eles ainda queriam que a gente fizesse exercício e prova sobre os textos. Pode haver castigo maior? E por que é assim?

Na minha aventura para tentar entender esse grande mistério da humanidade, comecei checando no dicionário o que quer dizer a palavra "clássico". A definição varia de A a Z, mas lá pelas tantas diz mais ou menos assim: "Obra que se mantém ao longo dos tempos, que se tornou um modelo de inspiração, que pela sua qualidade obteve consagração definitiva".

Beleza. Pra mim, saber melhor o que é considerado um "clássico" já ajudava a entender muita coisa, mas não mudava a minha opinião de que os clássicos eram uns chatos de galocha! E eu segui batendo nessa tecla por muito tempo, até que resolvi reler livros que eu havia empurrado com a barriga na escola pra ver se dava para acabar com essa conversa de sempre: de que os tais "clássicos da literatura brasileira" eram uns livros mais chatos que bêbado contando sonho. E, galera, vou admitir: quanto mais eu lia, mais eu gostava do que eu lia e mais eu me espantava com isso :)

MISSÃO DESAPAGÃO!

Talvez você esteja aí pensando: quem é essa Júlia de quem eu nunca ouvi falar?! Bom, não ouviu porque a nossa história é cheia de apagamentos, de contribuições que são aos poucos transformadas em segredos, soterradas debaixo de um baita silêncio. Isso aconteceu às pencas com negros e mulheres. Mas agora, bem aos pouquinhos, a gente anda quebrando esse bloqueio, fazendo descobertas e redescobertas, tirando nomes e títulos do limbo e colocando autores, autoras e seus livros no devido lugar: no mercado, nos estudos e nas conversas. E você, ao ler este

Memórias aqui e agora, faz parte dessa fantástica transformação, desse desapagamento!

Como parte dessa "Missão Desapagão", convido você, então, a conhecer um pouco da vida e da obra de Júlia Valentina da Silveira Lopes de Almeida, nascida no Rio de Janeiro, em 1862, e filha de uma dupla portuguesa que se estabeleceu cá no Brasil; pai médico e mãe professora.

Ainda meninota, Júlia mudou-se com a família para Campinas, em São Paulo, e foi lá que, aos dezenove anos, publicou seu primeiro texto em um jornal. Disso, gente, foi um pulo para ela escrever para um jornal maior, *O Paiz*, da capital do país, e assim a jovem começou a escrevinhar uma carreira de sucesso como escritora e furadora da bolha do masculino que reinava (e ainda reina um bom bocado) no mundo das letras.

Quer dizer, começava ali a caminhada dela, mas a grande guinada veio mesmo quando Júlia se mudou para Lisboa. Lá, ela mais a irmã, a Adelina, publicaram juntas o livro *Contos infantis*, em 1887. Isso parece que abriu pra valer as comportas de uma represa e tanto, porque dali em diante Júlia danou a publicar, chegando a ter 25 obras; dentre elas, doze romances e muito sucesso, com vários títulos sendo reeditados inúmeras vezes.

Logo depois da estreia voltada para crianças, Júlia se casou com o português Filinto de Almeida, trazendo esse jornalista e poeta para morar na banda de cá do oceano. Já instalada de novo no Rio de Janeiro, a danadinha mal desfez as malas e logo foi publicando este enredo que está bem aqui na sua mão, o *Memórias de Martha*, que saiu primeiro aos pedaços, como folhetim, em 1888, no jornal *Tribuna Liberal* do Rio de Janeiro.

ESTILOSA & PODEROSA

A dona Júlia é considerada uma das primeiras romancistas brasileiras. Suas maiores influências são a literatura francesa e o movimento feminista. Os seus romances têm mesmo uma levada do realismo e do naturalismo, ou seja, dão a real da vida do dia a dia, usam uma linguagem facinha (pra época, né?) e mostram a lacuna existente entre ricos e pobres, e entre homens e mulheres.

Nesse último quesito, aliás, ela era especialista. Por exemplo, Júlia e seu marido fizeram parte do grupo de intelectuais que decidiu criar a Academia Brasileira de Letras (ABL), fundada em 1897. Ele, então, virou fundador oficial, passando a ocupar uma cadeira na instituição. Mas e ela? Nada! Porque o grupinho decidiu que mulher não podia ingressar na ABL. Já pensou nisso? Pois essa tradição descabida só foi derrubada em 1977, quando Rachel de Queiroz se tornou a primeira mulher a ser admitida na Academia Brasileira de Letras. Ai, ai, ai.

Mas quem acha que Júlia engolia isso tudo calada está enganado até o talo porque ela fazia discurso, participava de reuniões e congressos, publicava ensaios e romances nos quais deixava claro que defendia ideias de igualdade, como o direito ao voto feminino, o fim da escravidão e da exploração do trabalho, assim como denunciava a violência contra a mulherada. E ainda bem que fez isso, porque ajudou as mulheres de hoje, do aqui e agora, a terem acesso a escola, trabalho, voto, candidatura, conta de banco e um quase sem-fim de coisas que já nos foi proibido ou que eram complicadas demais de fazer.

AS ESQUECIDAS

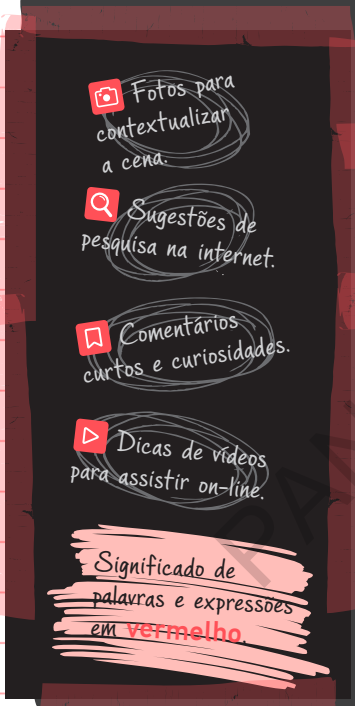
O enredo deste livro aqui tem muito a ver com um drama que ainda nos persegue: o enorme trabalho que as mães solos têm para dar conta de criar seus filhotes. No caso da Martha, ela é a filha que vai puxando o fio da memória para não nos deixar esquecer como as coisas eram ainda mais difíceis no século XIX, quando havia poucas profissões possíveis para as mulheres, que em geral dependiam muito do dinheiro do pai, marido, tio, padrinho, irmão, amante ou, no máximo, da renda de atividades de muita exploração e pouca remuneração.

Então, Martha vai contando como viu, ainda criança, a morte do pai, que havia sofrido um golpe enquanto trabalhava como caixeiro-viajante . Daí a mãe viúva e sem dinheiro – também chamada Martha – vai com a filha morar num cortiço bem nojento e trabalhar como lavadeira e passadeira de roupa, que era um trampo de acabar mesmo com a saúde e que rendia quase nada para o sustento.

A menina narra, assim, como foi crescendo e descobrindo as classes sociais e a questão do status, se sentindo menor, feia e sem lugar no mundo. E, ao mesmo tempo, a gente vai descobrindo que ela dá conta de exercer uma profissão, mas que nunca se recuperou totalmente daquela corroída na alma que a deixou, no final das contas, uma pessoa amarga.

PONTO-FINAL

Júlia morreu em 1934. Ela havia passado uma nova temporada em Portugal e até morado um pouco em Paris, mas estava de volta ao Rio de Janeiro quando partiu, deixando para trás quatro filhos e um impacto significativo como escritora, jornalista, abolicionista, defensora da educação e dos direitos das mulheres.



No corpo do texto, a gente **tatuou** com carinho e esmero um monte de ilustrações, além de sinônimos para as palavras que podem parecer estranhas, explicações que dão um contexto de como era a vida naquele tempo e até coisinhas curiosas. Tudo isso junto deixa a escrita mais fluente, menos cheia de pedrinhas no meio do caminho, ou seja, facilita a sua vida de leitor e leitora.

Para ajudar mais uma tonelada e meia, tem ainda um mapa com as personagens e as ligações entre elas para depois das páginas finais. E até esta introdução ajuda, sabia? Porque situa melhor quem foi a Júlia, que motivações ela tinha e como ela traçou os caminhos das suas Marthas. Então, venha se esbaldar já, curtir, entender e apreciar esse recadão que a autora passou do passado para o nosso presente.

Fátima Mesquita

PRÉ-LIVRO

SUMÁRIO

I	10
II	22
III	30
IV	37
V	45
VI	49
VII	52
VIII	59
IX	69
X	76
XI	87
XII	91
XIII	96

PANDA BOOKS

I

O mundo de cada um é limitado pelo que abrangem os raios da sua capacidade visual ou pelo que lhe sugere a sua imaginação. Esta em mim sempre foi de fôlego curto, assim como o meu círculo social muito restrito. Uma e outra coisa tornaram-me como que medrosa de mim mesma. Não tendo sabido viver; sinto entretanto um prazer confuso em reviver, em levantar os meus mortos, pôr-me a olhar para eles, e colher aqui e além, nos **frangalhos** da memória, a expressão fugidia de certas paisagens e de certos seres.

Frangalho: caco, trapo.

Monotonia, pobreza – Muito ao longe, um gato cinzento – o "**Chimarrão**" –, porque nos tinha sido dado por um rio-grandense; um ângulo de quintal onde eu permanecia a brincar à sombra de uma **casuarina** a cuja vigilância minha mãe parecia confiar-me. Lembro-me ainda de a ouvir dizer quando me queria afastar de si:

O povo guarani já habitava a região que hoje é conhecida como Rio Grande do Sul antes da chegada dos espanhóis e portugueses. Foi desse povo originário que os nascidos nessa localidade herdaram o hábito do chimarrão, que é o nome dado à bebida composta por erva-mate e água quente.

Casuarina é um tipo de pinheiro.

– Vai para a casuarina.

PANDA BOOKS

Às vezes penso que naquela árvore existia uma alma humana, tanto ela me entretinha, atirando-me aos pés as suas **agulhas**, que eu **enfeixava**; dando-me sombra, ou pondo-se a cantar, se o vento a agitava. Na própria saudade com que a **evoco**, ou com que, fora de nenhum propósito, ela se desenha na minha lembrança imensa e **rumorosa**, tenho a impressão de uma consciência a querer comunicar-se com a minha.

Foi na casa da casuarina que vivi até aos cinco anos. Do interior lembro-me principalmente do papel ordinário da sala de jantar, **pintalgado** de **chins** e de **quiosques**. Eu morava em um deles, representada por uma sujeitinha minúscula de bata cor de anil.

Todas as outras da pintura eram minhas comadres. De algumas coisas mais recordo-me às vezes, mas numa **fugacidade** tal que não me deixam a sensação da saudade, mas a da dúvida.

Só a casuarina...

Foi nesse prédio da rua de Sta. Ana que meu pai morreu de **febre amarela**. A epidemia nesse ano não se contentara com pouco. Só no quarteirão em que morávamos, todo constituído por pequenas casas de porta e janela, tinham morrido mais de cem pessoas. E atribuíram a morte de meu pai ao ter ele comido duas mangas num armazém da **Alfândega**, onde trabalhava. O terror pela fruta inocente ficou **por amor disso** implantado na família. Durante o período da doença, tanto a minha mãe, como a preta velha que a ajudava nos serviços domésticos, mal bastavam para os cuidados exigidos pelo enfermo a cujo leito deixavam-me encostar, inconscientemente. No dia do enterro tive medo. A casa encheu-se de vizinhas mais curiosas que prestativas. Ninguém se receava do contágio. Todo o mal atribuído às frutas: meu pai pelas mangas; a menina em frente por ter chupado cajus quentes do sol...

À hora da saída do corpo arrastaram-me à força para a última despedida, queriam que eu beijasse o cadáver. Debati-me,

As folhas dos pinheiros são chamadas de agulhas por terem uma haste pontiaguda.

Enfeixar: reunir, juntar.

Evocar: recordar.

Rumoroso: ruidoso.

Pintalgar: mesclar.

"Chins", o plural de "chim", é o modo como se referiam antigamente aos chineses.

"Quiosque", aqui, se refere a uma construção típica da China antiga, sem paredes e com o telhado suspenso por vigas.

Fugacidade: efemeridade.

A primeira epidemia de febre amarela do Brasil começou no finzinho de 1849, no Rio de Janeiro, e só nos primeiros meses de 1850 matou mais de 4 mil dos 200 mil habitantes da cidade. Nos meses seguintes o surto cessou, mas outros continuaram acontecendo, e ainda demorou décadas para descobrirem que a doença é espalhada pelo mosquito *Aedes aegypti* e causada por um vírus.

Alfândega é o órgão que controla e taxa a entrada e saída de produtos e bagagens em um país.

"Por amor disso" é o mesmo que "por causa disso".

PANDA BOOKS

mordi os dedos que me seguravam e num arranco fugi para o quintal a refugiar-me sob a árvore protetora.

Como ela cantava!

Março **agonizava** assoprado por um vento quente, precursor de tempestade; um vento que não aliviava os corpos **abrasados** mas agitava as ramagens. A casuarina cantava como se quisesse fazer-me esquecer a cena **lúgubre**.

Mas eu não esquecia.

Com as costas unidas ao muro, os olhos secos de espanto, sufocando as palpitações do meu coraçãozinho como se a sua **bulha** bastasse para chamar sobre mim a atenção de toda a gente, fiquei muda, sentindo no corpo a **frialdade** daquele cadáver, com a sensação de que me iriam buscar para me embrulharem na sua roupa de **espectro**, larga, escura, cortada pelos traços longos dos dois cordões brancos.

Na morte, não era o pavor da cova negra o que me assustava mais, era a presença do Pai do Céu, de que me falavam a todo o instante, como uma punição para as minhas travessuras e um prêmio para virtudes que eu não conhecia e me pareciam de assombro!

Efetivamente, que ouvia eu desde manhã até à noite?

"Menina não faça assim, que Deus castiga."

Deus castiga!...

Por isso eu tremia toda, pensando que me queriam levar com meu pai para a presença desse juiz inflexível, tão alto que se não pudesse curvar até às minhas faces lacrimosas para o beijo da piedade e do perdão.

Já o corpo do finado ia nos solavancos do **carro de terceira classe** pela rua fora, quando minha mãe foi buscar-me. Vendo-a gritei que me deixasse e debati-me entre os seus braços.

Dizem que o som da voz de quem morreu é a primeira coisa que se perde na lembrança de quem fica, e após tantos anos, sinto ainda nos ouvidos o timbre enrouquecido da voz de minha mãe nesta frase inesquecível:

– Entra. Ele foi-se embora.

Foi-se embora... Que alívio.

"Agonizar", aqui, significa "encerrar", "terminar".

Abrasado: quente, afogueado.

Lúgubre: sombrio, assustador.

Bulha: barulho, rumor.

Frialdade: frieza, algidez.

Espectro: fantasma, assombração.

Traduzindo: carruagem (carro) sem luxo (terceira classe).

PANDA BOOKS



Da morte de meu pai foi a sensação que me ficou. Amei-o? Talvez, não me lembro. A convivência era pouca ou nenhuma. Ele passava a vida na rua, eu agarrada às saias de minha mãe e de uma velha **fula** religiosíssima que toda se desmanchava em contar-me histórias de fantasmas e de terrores do diabo.

"Quem atira pedras vai para o inferno! Quem rouba açúcar do açucareiro, vai para o inferno! Quem foge para a rua, vai para o inferno!"

Oh!

As minhas culpas começaram cedo a pesar-me na consciência...

Não posso acompanhar o movimento da transição da nossa vida na Cidade Nova, para a outra que iniciamos num modesto **cortiço** da **rua de S. Cristóvão**.

Aí já minha mãe não tinha consigo nem mesmo a velhinha que nos acompanhava outrora, e que partiu não sei para onde, nem com quem. Lembro-me de que vivíamos nós duas sós; minha mãe **engomando** para fora, desde manhã até à noite, sem **resignação**, arrancando suspiros do peito magro, mostrando continuamente as queimaduras das mãos e a aspereza da pele dos braços, estragada pelo sabão. Custou-lhe **afazer**-se aos maus tratos da miséria. Mas que resignação, depois!

"Fula" é a pessoa filha de negro com mestiço.

Cortiço é uma residência muito pobre em que se alugam quartos para quem tem pouco dinheiro.

No época, a rua de São Cristovão, no Rio, ligava a praia de mesmo nome até quase o morro de Santos Rodrigues. Moraram lá d. João VI, d. Pedro I e d. Pedro II.

Para deixar a roupa bem alinhada, sem amassados, as pessoas aplicavam uma pasta chamada goma e depois passavam o tecido com ferro quente para ela endurecer. Ao longo da história, houve várias receitas de goma, mas as mais comuns usavam como base o trigo, a batata ou o milho.

Resignação: aceitação.

Afazer: habituar.

PANDA BOOKS